

LINGUAGEM & ÉTICA: VALORES DA VIVÊNCIA COTIDIANA E EMPRESARIAL

SANTADE, Hélio Oliva do Amaral
FMPFM e GS Informática
helio.santade@terra.com.br

BIEMBENGUT SANTADE, Maria Suzett
FIMI, FMPFM, UERJ, UMinho-Pt
suzett.santade@terra.com.br

RESUMO

O artigo objetiva-se na vivência humana, apresentando os valores éticos do cotidiano do ser humano em sua ambiência para a compreensão de si mesmo e dos outros. Assim, a linguagem é colocada no intuito de selar as indagações que o homem faz de si e da vida em sociedade. Como todo o viver e o conviver humano dependem de códigos de linguagem e ética, busca-se, neste texto, explanar o conceito de ética e como se instala na comunicação espontânea da vida comum e na comunicação interna do trabalho, em especial, no desenvolvimento da ética empresarial.

PALAVRAS-CHAVE: *homem; linguagem; ética; ética empresarial.*

INTRODUÇÃO

Não se pode definir ética sem antes comentar sobre a evolução humana desde o instante em que o ser humano se reconheceu dentro de uma roda social. Acredita-se que o homem começou a dar os primeiros passos na construção da ética quando não mais só se preocupava em saciar sua fome depois de uma caçada, descansar e, como nômade, começar novamente a busca de alimento nos dias seguintes. Sabe-se que em um deter-

minado dia resolveu dividir sua caça a outros do grupo de homínídeos e, assim, acostumou-se a repetir essa ação fazendo partilhas de alimentação. Desse modo, criou-se a vida em roda e em diálogo. E, assim, aparece a linguagem na troca de experiência.

Surgem as questões: Que é o homem? Como surgiram seus mitos? Em que momento o homem começou a linguajar? E, quando houve a necessidade de criar o comportamento ético na convivência humana? Que é ética? Por que ética profissional e/ou empresarial?

2. A EXISTÊNCIA HUMANA

Desde a antiguidade grega há a indagação sobre a existência humana. Segundo Cassirer (1972), o homem entra em crise quando se volta a si e quer saber quem é ele, e, nesse momento, a crise no conhecimento de si mesmo é a primeira precondição da auto-realização. Conhecer a si mesmo tornou-se uma investida humana desde sempre.

Para Severino (1993), o homem sentiu a necessidade de entender o mundo que o circunda e compreender esse mundo e a si mesmo nesse mundo, a natureza e a sociedade. Para o homem, conhecer é um impulso como que natural e instintivo no sentido em que ele brota espontaneamente, confundindo-se, na sua origem, com o próprio impulso da vida. Assim afirma Severino (1993, p.19) que “a consciência emerge e se desenvolve como estratégia da vida, integrando o equipamento de ação do homem com vistas a sua sobrevivência”.

Para um dos grandes expoentes do mundo da biologia, o chileno Humberto Maturana, o homem tomou consciência sobre sua importância quando se reconheceu como membro de um grupo e que poderia sobreviver melhor em grupo por meio da convivência e da conversação. Esse autor vem afirmando há tempos o papel imprescindível da dinâmica do conversar na constituição do ser humano: “o humano surge na história evolutiva a que pertencemos ao surgir a linguagem, mas se constitui de fato como tal na conservação de um modo de viver particular centrado no compartilhamento de alimentos, na colaboração de machos e fêmeas, na criação da prole, no encontro sensual individualizado recorrente, no conversar” (MATURANA, 1997, p.175)¹.

Para esse autor, o amor constitui a emoção que funda a origem do

¹ Ver MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p. 175.

humano, sendo um fenômeno biológico. O fato de que o amor seja a emoção que funda a origem do humano, o prazer de conversar que nos caracteriza faz que nosso bem-estar e nosso sofrimento dependem tanto do conversar². O autor sustenta que o peculiar na linguagem humana é seu entrelaçamento com o emocionar, sendo que os símbolos são secundários à linguagem. Esta linguagem (comunicação) está relacionada com coordenações de ações consensuais. Mais do que isso, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações. De acordo com este ponto de vista, a linguagem não se dá no corpo, nem como um conjunto de regras, mas no fluir em coordenações consensuais de conduta.

A preocupação clássica do homem em relação a si mesmo e a seu surgimento não se esgotou, pois o mundo atual está tão multiversal que seria impossível dar uma só resposta a essa questão. Verificaremos no item seguinte a busca de definição do homem em dois caminhos paralelos que se ramificam em múltiplas áreas científicas atualmente.

3. OS MITOS NA VIDA COTIDIANA

Acredita-se que o ser humano tomou consciência de sua existência à medida que foi se exercendo na sua vida prática e foi adquirindo uma certa autonomia na sua sobrevivência material. No entanto, o ser humano foi desenvolvendo sua consciência como ser individual e social, pois ele vai passando a exercer sua subjetividade, a pensar como se seu pensamento tivesse plena autonomia em relação aos outros aspectos de sua vida, como se ele bastasse a si mesmo, como se pudesse trilhar um caminho que lhe fosse exclusivo, situado num patamar distinto daqueles em que se situa sua vida material (SEVERINO, 1993).

O conflito de ser biológico e de ser espiritualizado caminha dentro das áreas científicas de forma dicotômica. De um lado, o homem busca por ele mesmo suas indagações nas realizações diárias e de maneira racional e/ou sensorial na vivência com ele mesmo e com os outros. Assim, Aristóteles declara que todo o conhecimento humano se origina de uma tendência básica da natureza humana, que se manifesta nas ações e reações mais elementares do homem e, que toda a extensão da vida dos sentidos é deter-

² Ver Maturana, H. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

minada por essa tendência e dela está impregnada. Vejamos abaixo nas palavras de Aristóteles (CASSIRER, 1972, p.17):

Todos os homens, por natureza, desejam saber. Uma prova disto é o prazer que encontramos em nossos sentidos; pois, mesmo independentemente da sua utilidade, eles são amados por si próprios; e, acima de todos os outros, o sentido da vista: não só para ver a tudo o mais. a razão é que este sentido, principal entre todos, nos faz conhecer e traz à luz muitas diferenças entre as coisas.

Nessa linha de conhecimento, o homem busca a explicação de sua existência por meio das realizações pessoais e do grupo no cotidiano, valendo-se da observação de seu existir e das operações diárias de suas necessidades materiais. Assim sendo, esse modo de viver é altamente característico da concepção aristotélica do conhecimento em contraposição platônica. De outro lado, na visão platônica, a vida dos sentidos e a do intelecto estão separados por vasto e intransponível abismo, como afirma Cassirer (1972). Para Platão, o conhecimento e a verdade pertencem a uma ordem transcendental — ao domínio das idéias puras e eternas.

Dessa forma, a humanidade tem sido analisada por meio de duas linhas que caminham lado a lado. Uma linha, a do *evolucionismo* — para o qual o próprio Aristóteles estava convencido de que o conhecimento científico não seria possível apenas através do ato da percepção, mas falava como um biologista quando negava a separação platônica entre o mundo ideal e o mundo empírico. Cassirer (1972, p.17), ao colocar as idéias dessa linha, diz que:

...de acordo com Aristóteles, encontramos a mesma continuidade ininterrupta. Tanto na natureza quanto no conhecimento humano, as formas mais elevadas envolvem-se das formas inferiores. A percepção dos sentidos, a memória, a experiência, a imaginação e a razão estão ligadas por um elo comum; são apenas estádios diferentes e diferentes expressões da mesma atividade fundamental, que atinge sua mais alta perfeição no homem mas que, de certo modo, é partilhada pelos animais e por todas as formas de vida orgânica.

Assim, nessa linha de explicação, do ponto de vista biológico, teríamos de esperar que as primeiras etapas do conhecimento humano concernissem exclusivamente ao mundo externo. Em outras palavras, no tocante a todas as necessidades imediatas e interesses práticos, o homem depende do seu meio físico e só pode viver nesse meio adaptando-se constantemente

te às condições do mundo circundante.

Na explicação da existência humana por outra linha, a do *criacionismo* — a origem humana vem sendo analisada pela revelação da criação divina — o homem e a mulher recebem a vida de Deus para ser vivida e usufruída seguindo um código pronto sem a preocupação na construção de mundo, mas sim, na obediência de um plano maior e de submissão a este. Assim, o problema do homem é o marco divisório entre o pensamento socrático e pré-socrático. Nos diálogos socráticos de Platão, em alguma parte, encontra-se uma solução direta para o problema — Que é o homem? Desse modo, Sócrates nos dá uma análise bastante detalhada das qualidades individuais e virtudes e, procura determinar e definir a natureza dessas qualidades: bondade, justiça, temperança, coragem e assim por diante, sem nunca se arriscar definir o homem (CASSIRER, 1972).

Na visão criacionista, o homem vive o mistério temendo a Deus, e sua razão é guiada e iluminada pela graça de Deus. O homem não pode confiar em si mesmo nem ouvir de si para si, mas tem que guardar silêncio próprio a fim de ouvir uma voz superior e mais verdadeira. Aqui, vê-se a religião, que não pode ser clara e racional e conta-nos uma história obscura e sombria — a história do pecado e da queda do homem. Nas palavras de Cassirer (1972, p.31):

Não podemos explicar o pecado do homem, pois não foi produzido nem exigido por nenhuma causa natural. Nem podemos explicar sua salvação, dependente de um ato inescrutável da graça divina. É dada e negada livremente; não há ação nem mérito humano que possam merecê-la. A religião, portanto, nunca pretende esclarecer o mistério do homem, apenas o confirma e aprofunda. O Deus de que ela fala é um 'Deus absconditus', um Deus oculto; por isso, até sua imagem, o homem, não pode deixar de ser mistério.

Sabemos que, atualmente, esse antagonismo de idéias não é apenas um grave problema teórico, mas uma ameaça iminente a toda a extensão de nossa vida ética e cultural.

4. DOS GRITOS AO LINGUAJAR HUMANO

A linguagem acompanha o homem nas suas evoluções corporais e mentais a partir do momento em que ele passou a viver em comunidade na troca de alimento, na estabilidade de trabalho e na criação e cuidado dos filhos. A linguagem e o mito são inseparáveis, pois nos primeiros estágios

da cultura humana suas relações são tão estreitas, e é tão evidente sua cooperação, que se torna quase impossível separá-los, afirma Cassirer (1972). Desde os primeiros gritos e gemidos, decodificados pelo homem, a linguagem foi aos poucos se estabelecendo e tornando mais complexa a cada dia na vida humana. Atualmente é impossível descrever a vida sem a linguagem seja verbalizada ou não.

A questão da origem da linguagem exerceu e exerce uma estranha fascinação sobre o espírito humano. Sempre surge a questão: A palavra estava pronta e o ser humano somente utilizou-a ou ele inventou-a — a linguagem é inata ou adquirida? Aqui se lança uma briga forte entre os lingüistas e os biólogos e que nada se torna diferente da dicotomia dos dois modos de conduzir a origem e o conhecimento humano, conforme já antes abordado. Para os primeiros — os lingüistas, a linguagem é uma faculdade social construída pelo homem e que, no processo histórico da humanidade, seus fenômenos suscitam em suas variações e mudanças fonética, analógica e semântica. Já, para os segundos — os biólogos, o homem nasce programado para praticar a linguagem verbalizada e que a maturidade humana vai permitindo ao homem sair da linguagem de instinto fundamental à de mais complexidade estrutural e conceptual.

Em relação à linguagem, desde sua origem e seus pressupostos complexos ao processo cognitivo ensino-aprendizagem, Biembengut Santade (2008) em sua pesquisa profunda sobre a linguagem³, aborda a confluência da semântica lingüística e da semântica da convivência humana. Nesse trabalho, a pesquisadora afirma que na história evolutiva da linguagem humana há de se observar a mudança dos órgãos da fonação e da articulação e de todas as funções corporais. Assim, acredita Maturana que o linguajar sonoro deve ter começado há vários milhões de anos. Infelizmente (Cf. WILSON, 1999; MATURANA; VARELA, 1995 e 2001b) os detalhes sonoros da linguagem nas transformações estruturais não apresentam registros. Assim, como os comportamentos da vida social e lingüística não deixam fósseis — o que se encontra são marcas de grupos muito coesos, que compartilhavam alimentos, e valendo-se das “trofolaxes” lingüísticas, mantinham-se juntos como fenômeno de caráter cultural. Isso fez que houvesse, através de longos anos, o enriquecimento do domínio lingüístico, ligado à produção da linguagem na sociabilidade. A convivência constante

³ Vale conferir BIEMBENGUT SANTADE, M.S.. *Semântica e Experiência Humana: o encontro de linguagem na educação básica*. Rio de Janeiro: T.Mais.Oito, 2008.

tornou o compartilhar numa coordenação comportamental no aprimoramento lingüístico pelas interações individuais. É a diversidade das interações recorrentes que individualiza o outro na coordenação lingüística, ampliando e determinando a estrutura da linguagem, afirmam Maturana; Varela (1995, 2001b).

Biembengut Santade (2002, 2008) aborda sobre a ética discriminatória no ensino da linguagem quando, nas escolas do povo, a linguagem é contemplada de maneira praticamente empírica, cumprindo a tarefa social que depende das condições sociais específicas da comunidade lingüística da clientela da escola. A autora lamenta em seu trabalho que, infelizmente, a linguagem destina-se a estratificar socialmente a humanidade, e para a pesquisadora, a linguagem perpassa pelo veio da diversidade ética social.

Sabemos que é por meio da linguagem que o homem fala da cultura, da vida e da interpretação diária de sua existência e da realidade da vida na busca de sentido no seu viver e no conviver com ele mesmo e com os outros. E, ainda, sabemos que para todo o pensamento moderno é necessária a linguagem para o esforço da interpretação da vida, a partir de símbolos, meios de expressão da experiência fundamental da existência humana. Assim, toda a cultura da humanidade se expressa simbolicamente, e todo conhecimento é a decifração dessa grande simbólica. Daí a grande importância da linguagem enquanto sistema privilegiado de símbolos para a comunicação dos homens.

Atualmente, a linguagem vem colocando o homem em diferentes condições de trabalho, e aquele que estiver longe da compreensão da civilização da palavra, a qual privilegia o pensamento, o conhecimento e a cultura do espírito, pode estar alienado do trabalho e seu envolvimento com a tecnologia moderna.

5. VALORES DA VIVÊNCIA COTIDIANA E EMPRESARIAL

Viver é conviver para a humanidade. É justamente na convivência, na vida social e comunitária, que o ser humano se descobre e se realiza enquanto um ser moral e ético. É na relação com o outro que surgem os problemas e as indagações morais: Como agir em determinada situação? Como se comportar perante o outro? Diante da corrupção e das injustiças, o que se deve fazer?

Constantemente no nosso cotidiano encontramos situações que nos colocam problemas morais. São problemas práticos e concretos da nossa vida em sociedade — problemas que dizem respeito às nossas decisões,

escolhas, ações e comportamentos $\frac{3}{4}$ os quais exigem uma avaliação, um julgamento, um juízo de valor entre o que socialmente é considerado bom ou mau, justo ou injusto, certo ou errado, pela moral vigente.

O problema é que não costumamos refletir e buscar os “porquês” de nossas escolhas, dos comportamentos, dos valores. Agimos por força do hábito, dos costumes e da tradição, tendendo a naturalizar a realidade social, política, econômica e cultural. Perante a isso, perdemos nossa capacidade crítica diante da realidade. Em outras palavras, não costumamos fazer ética, pois não fazemos a crítica, nem buscamos compreender e explicar a nossa realidade moral.

Em *ontologia da ética*, Maturana faz suas considerações sobre o viver em comunidade, ressaltando o “respeito humano”. Biologicamente, o ser humano, pertencente à espécie *Homo sapiens*, perpetua a linhagem por meio da cooperação, compartilhando alimentos, cuidados, etc., conforme já dito anteriormente. Esse “estar juntos” construiu-se nos valores éticos fortalecidos pelo surgimento da linguagem. Maturana enfatiza (*Op.cit.*, 314) que “nós, seres humanos, somos animais éticos, ou seja, somos animais que surgimos numa história biológica de amor e consideração mútua”. Maturana reconhece ainda que o ser humano reduziu-se na *competição* da vida moderna criando uma cegueira atordoante em relação à própria espécie. Entende Maturana que “a maior parte do sofrimento humano surge com a negação do amor, e a maior parte de nossa falta de compreensão do sofrimento humano resulta de nossa falta de compreensão do papel fundamental que o amor desempenha na biologia humana” (*Op.cit.*, 320).

Ao expor sobre a ética, o autor enfatiza o princípio da *emoção*, a qual é a base da preocupação com o outro. Caso isso não aconteça, a ética será tratada como parte do domínio da filosofia (e a justiça também), ou das ciências políticas, como se tivessem a ver com a razão. Se as questões éticas ficarem somente no patamar das reflexões, não convencem ninguém a ser ético. Ressalta Maturana (2001a, p.49) que “não é a razão que justifica a preocupação com outro, mas é a emoção. Se estou na emoção de aceitação do outro, o que lhe acontece tem importância e presença para mim”. Por exemplo, o sofrimento do(s) outro(s) atinge-nos quando reconhecemos em nós também o mesmo sofrimento — essa preocupação ética passa a ter sentido. A consciência ética deve ser instigada no reconhecimento da solidariedade e, para isso, a participação do observador deve passar pelas emoções nas relações humanas.

Em outras palavras, mas concordando na essência com as reflexões de Maturana, assinalam Assmann; Mo Sung (2000) que a *ética* liga-se

ao *princípio* de complexidade (pronunciado por Morin), pois quanto mais uma sociedade é complexa, menos rígidas ou duras são as obrigações que pesam sobre os indivíduos e os grupos. Os autores referem-se a uma nova visão de mundo, em construção, em que as sensibilidades vividas fazem emergir novos desejos e precisam tornar-se atratores de novos princípios éticos solidários. Nas palavras desses autores (2000, p.165):

Estes princípios éticos não podem ficar somente em formulações abstratas e gerais, mas precisam também se concretizar em normas de comportamentos éticos. E estes princípios éticos precisam ser “corporificados” em princípios organizativos da sociedade norteando o funcionamento das instituições da sociedade.

Assmann; Mo Sung (2000) nos reconduzem à reflexão de uma educação baseada no pensamento complexo que nos ajuda a entender melhor a relação complexa e contraditória entre os desejos que nascem da sensibilidade solidária e os princípios organizativos da sociedade. E essas reflexões colocadas juntamente com as de Maturana, salientam a importância da interação dos indivíduos e seus grupos na noção de responsabilidade perante o *agir* da sociedade como um todo. Assegurando na ética da vivência, Assmann; Mo Sung expressam (*Op. cit.*, p.165) o seguinte:

O ser humano é um ser complexo, como também é a sociedade e o meio ambiente no qual vivemos. Educar para sensibilidade solidária pressupõe e implica em ajudar a pessoas a perceberem a complexidade da realidade e da nossa vida social, a tomarem consciência da nossa condição humana, a relativizarem as suas certezas, a aprenderem a tolerar aos outros e a si próprio nas suas limitações e falhas, a aceitar e conviver com a “resistência” da realidade social em se adaptar aos nossos mais sinceros e honestos desejos de uma vida baseada na justiça e solidariedade. Ao mesmo tempo em que persevera em suas ações solidárias, materializações da sensibilidade solidária, como caminho de ser fiel aos seus desejos mais profundos de um mundo mais solidário e humano.

D’Ambrosio, na mesma direção, aborda “a ética da diversidade” dizendo que precisamos de uma ética em que o respeito pelas diferenças comportamentais de cada indivíduo e pela diversidade cultural esteja associado à solidariedade do homem para com seus semelhantes nas necessidades de sobrevivência e de transcendência. Nessa afirmação, D’Ambrosio

alerta-nos para o fato de que uma sociedade sadia e uma humanidade em harmonia global constroem-se no compartilhar plenamente seus direitos ligados à sua dignidade de ser vivo num quadro de respeito, apoiando-se no reconhecimento de uma pluralidade de modelos, de culturas e de diversificações socioeconômicas (Cf. 1997a, 1997b).

Lévy; Labrosse, posicionando-se num caminho espiritual e “metamorfoseante” em *O Fogo Liberador*, consideram que a ética é o veículo condutor da felicidade, e o “estar presente” conclama a liberdade. Dizem que “os preceitos éticos só têm sentido para uma personalidade aberta, em contato consigo mesma, consciente de suas emoções, em formação, em crescimento”. Sendo assim, os autores propõem (nas entrelinhas de seus “pensamentos”) uma ética participativa, citando as máximas bíblicas, como *Amarás o próximo como a ti mesmo. Não faças com os outros o que não queres que façam contigo* (Cf. 2000, p.141, 155).

Vemos que é na convivência em todos os setores da vida humana em que surgem os rizomas éticos. Não se teoriza a ética fora da rede social da convivência das pessoas. Isso porque é a vida social que estabelece o equilíbrio de atitudes compreensíveis e aceitáveis para essa ou aquela determinada sociedade ou grupo social. E neles, todos nós vivenciamos a experiência da consciência moral. Assim, todos nós temos a sensibilidade moral que nos faz avaliar se nossas ações são boas ou más, justas ou injustas, corretas ou não. Por meio da função desses valores, nos diversos momentos históricos, as várias culturas vão constituindo seus códigos de ação, seus sistemas jurídicos, impondo aos seus integrantes um modo de agir considerado adequado a essas normas (SEVERINO, 1993).

A evolução do conceito de ética nos negócios e nas empresas segue a própria evolução do trabalho do homem na história da humanidade. Sempre houve o trabalho individual enquanto realização de algum talento desenvolvido pelo indivíduo e, também, o trabalho orientado e passado de pai para filho, de mestre para discípulo e de grupo para grupo.

Atualmente, ainda, há aquele trabalho elaborado e desenvolvido pelo feitor em sua autonomia e, o mais comum hoje, o trabalho oferecido a uma empresa em escalas de remuneração e prestação de serviços e negócios. Em cada um desses tipos de trabalho há uma ética que os diferencia: a ética profissional e a ética empresarial. Enquanto a ética profissional está voltada para as profissões, os profissionais, associações e entidades de classe do setor correspondente, a ética empresarial atinge as empresas e organizações em geral. A empresa necessita desenvolver-se de tal forma que a ética, a conduta ética de seus integrantes, bem como os valores e

convicções primários da organização se tornem parte de sua cultura⁴.

Vale salientar que a relevante e produtiva contribuição de todos os continentes, regiões ou países, deu origem a publicações esclarecedoras, informativas e de profundidade científica. Ressaltou-se a existência de três modos inter-relacionados de abordagem da ética no âmbito das empresas: semântica (falar sobre Ética), prática (atuar eticamente) e teoria (pensar sobre Ética).

Na travessia do século XX, alguns temas específicos se delinearam, como um foco de preocupação internacional: corrupção, liderança e as responsabilidades corporativas. Houve a multiplicação de ONGs (Organizações Não Governamentais) que desempenharam importante papel no desenvolvimento econômico, social e cultural de muitos países (*International Transparency*). A abordagem Aristotélica dos negócios vem sendo recuperada. A boa empresa não é apenas aquela que apresenta lucro, mas a que também oferece um ambiente moralmente gratificante, em que as pessoas boas podem desenvolver seus conhecimentos especializados e também suas virtudes.

Há, atualmente, na América Latina, uma construção de códigos de ética empresarial com esforços isolados estando e sendo empreendidos por pesquisadores e professores universitários, ao lado de subsidiárias de empresas multinacionais em toda a América Latina, quando o Brasil foi palco do I Congresso Latino Americano de Ética, Negócios e Economia, em julho de 1998. Nessa ocasião foi possível conhecer as iniciativas no campo da ética nos negócios, semelhanças e diferenças entre os vários países, especialmente da América do Sul.

Nesse Congresso, houve muitas trocas de experiências acadêmicas e empresariais, da identificação criada entre os vários representantes de países latinos presentes, da perspectiva de se dar continuidade aos contatos para aprofundamento de pesquisas e sedimentação dos conhecimentos específicos da região em matéria de ética empresarial e econômica, emergiu a idéia de formação de uma rede. Foi, então, fundada a ALENE - Associação Latino-americana de Ética, Negócios e Economia.

No Brasil, a ética empresarial tem sido centralizada em São Paulo, a ESAN — Escola Superior de Administração de Negócios, primeira faculdade de administração do país, fundada em 1941, privilegiou o ensino

⁴ Para mais aprofundamento no assunto, conferir *Fundamentos de Ética Empresarial e Econômica* de Maria Cecília Coutinho de Arruda e outros. São Paulo: Atlas, 2001.

da ética nos cursos de graduação desde seu início. Em 1992, o MEC — Ministério da Educação e Cultura sugeriu formalmente que todos os cursos de administração, em nível de graduação e pós-graduação, incluíssem em seu currículo a disciplina de ética. Nessa ocasião, o CRA — Conselho Regional de Administração e a Fundação FIDES reuniram em São Paulo mais de cem representantes de faculdades de administração, que se comprometeram a seguir a instrução do MEC.

Em 1992, a Fundação FIDES desenvolveu uma sólida pesquisa sobre a Ética nas Empresas Brasileiras. Também, em 1992, a Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, criou o CENE — Centro de Estudos de Ética nos Negócios. Depois de vários projetos de pesquisa desenvolvidos com empresas, os próprios estudantes da EAESP-FGV — Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, solicitaram a ampliação do escopo do CENE, para abarcar organizações do governo e não governamentais.

Assim, a partir de 1997, o CENE passou a ser denominado Centro de Estudos de Ética nas Organizações e introduziu novos projetos em suas atividades. O CENE-EAESP-FGV foi um pólo de irradiação da ética empresarial, por suas intensas realizações no Brasil e no exterior: ensino, pesquisas, publicações e eventos. Atualmente, há várias Faculdades de Administração de Empresas e Economia que incluíram o ensino da ética em seus currículos.

CONCLUSÃO

Um código de ética de uma instituição pública ou particular, de ONGs, de uma empresa e/ou quaisquer órgãos de trabalho deve ser conhecido por todos que atuam na organização. Isso porque neste século as pessoas vivem grande parte de suas vidas no trabalho, relacionando-se com subordinantes e subordinados em diversas funções. Cada profissional em sua função e/ou trabalho depende da distribuição de tarefas, sabendo de sua responsabilidade ética na feitura delas para que nada desfaça a organização da empresa na qual ele está inserido juntamente com outros e que sua presença e a dos outros sejam tão fortes na estruturação e organização da empresa.

O código de ética implantado em uma empresa facilita a integração e interação dos funcionários que circulam pelos diferentes setores, e, ainda, que eles possam ser respeitados e instigados ao respeito na manutenção da harmonia, ordem, transparência, tranqüilidade, deixando neles a vontade de estarem sempre motivados a trabalhar naquela empresa com as diversas pessoas de diferentes personalidades sem tampouco desrespeitar as

funções de cada membro que integra aquele sistema de organização.

A conduta ética da empresa espelha a conduta de seus profissionais. Essa conduta empresarial vai bem quando todos estão inteirados na complexidade da empresa e tornam-se parte dentro de um todo em que suas partes não são partes independentes sem o todo, e que cada um como parte está sempre partilhando algo somado de outras partes modificadas pela mutação do todo.

Concluimos o texto apoiando-nos em Morin (1991)⁵ que fundamenta a Teoria da Complexidade em três princípios que funcionam não apenas como postulados epistemológicos, mas, sobretudo, como fundamentos éticos de uma nova conduta de vida: o princípio dialógico (ou a dualidade dentro da unidade), o princípio da recursividade organizacional (ou da causalidade circular de retroalimentação múltipla) e o princípio da representação hologramática (segundo o qual o todo está contido em cada parte e as partes estão contidas no todo).

Não esqueçamos que além do cumprimento da legislação os funcionários devem ser tratados no código mais transcendental da vida humana – a ética do amor. Esse código se faz no encontro das pessoas no convívio e na aceitação de si mesmas e do(s) outro(s). Não há empresa que se sustente sem a rede ética de trabalho desde o mais simples trabalho de um funcionário ao maior cargo de chefia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, H.; MO SUNG, J. . **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BIEMBENGUT SANTADE, M. S. **Apreciações Semânticas de Relatos de Aprendizagem**. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba – PPGE-UNIMEP, 2002.

BIEMBENGUT SANTADE, M. S. . **Semântica e Experiência Humana: o encontro de linguagem na educação básica**. Rio de Janeiro: T.Mais.Oito, 2008.

CASSIRER, E. . **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem – introdução**

⁵ Ver MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Trad. Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

a uma filosofia da cultura humana. Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

COUTINHO DE ARRUDA, M. C. et al. **Fundamentos de Ética Empresarial e Econômica.** São Paulo: Atlas, 2001.

D'AMBROSIO, U. . **A era da consciência: aula inaugural do primeiro curso de pós-graduação em ciências e valores humanos no Brasil.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997a.

D'AMBROSIO, U. . **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997b.

LÉVY, P.; LABROSSE, D. . **O fogo liberador.** Trad. Lilian Escorel. São Paulo: Iluminuras, 2000.

MATURANA R., H.; VARELA, F. G. . **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** Trad. Jonas Pereira dos Santos. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

MATURANA R., H. . **A ontologia da realidade.** Org. e Trad. Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA R., H. . **Emoções e linguagem na educação e na política.** Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998b. (1ª reimpressão 1999).

MATURANA R., H. . **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Org. e Trad. Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001a.

MATURANA R., H.; VARELA, F. G. . **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. Prefácio de Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2001b.

MORIN, E. . **Introdução ao pensamento complexo.** Trad. Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

SEVERINO, A. J. . **Filosofia.** São Paulo: Cortez, 1993.

WILSON, E. O. . **A unidade do conhecimento: consiliência.** Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1999.